

Notas breves sobre história epistemológica da psicanálise e sua relação com a neurociência

* Pós-doutor em Teoria Psicanalítica - PPG Teoria Psicanalítica UFRJ. Doutor em Ciências/Saúde Pública - ENSP / Fiocruz. Mestre em Ciências/Saúde Pública/Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana - CESTE H / ENSP / Fiocruz. Professor Associado da UNIRIO/Departamento de Saúde Coletiva. Membro associado da ABRASME e do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP / RJ).

*Alexandre Magno Teixeira de Carvalho**

Resumo: No intuito de oferecer a estudantes e profissionais um material sucinto sobre alguns aspectos críticos e epistemológicos da história da psicanálise, este trabalho apresenta uma visada breve e original da ruptura epistemológica que a obra de Sigmund Freud e o advento da psicanálise promoveram no campo da psiquiatria e da psicologia na aurora do século XX, passando pela problemática da relação da psicanálise com a neurociência. O corpo do texto se divide em ‘A escalada freudiana de obstáculos epistemológicos em movimento de suprassunção (*Aufheben; dépassement*)’; ‘Psicanálise e neurociência: um diálogo possível?’ e ‘A psicanálise resiste?’. Trabalho parcial de conclusão de Estágio de Pós-doutoramento no PPG em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Linha de pesquisa: Fundamentos históricos e teóricos da Psicanálise. Supervisão do Professor Joel Birman).

Palavras-chave: Psicanálise; Sigmund Freud; História Epistemológica; Relação Psicanálise e Neurociência.

Abstract: To offer students and professionals a succinct material on some critical and epistemological aspects of the history of psychoanalysis, this work presents a brief and original look at the epistemological rupture that Sigmund Freud's work and the advent of psychoanalysis promoted in the field of psychiatry and of psychology at the dawn of the 20th century, going through the problems of the relationship between psychoanalysis and neuroscience. Partial work of Postdoctoral conclusion in the Postgraduate Program in Psychoanalytic Theory at the Federal University of Rio de Janeiro, under the supervision of Professor Joel Birman. Line of research: Historical and theoretical foundations of Psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis; Sigmund Freud; Epistemological History; Psychoanalysis and Neuroscience Relationship.

A escalada freudiana de obstáculos epistemológicos em movimento de suprassunção (*Aufheben; dépassement*)

“Nos últimos anos do século XVIII, a cultura europeia construiu uma estrutura que ainda não foi desatada; começamos apenas a desembaraçar alguns de seus fios que nos são ainda tão desconhecidos que os tomamos de bom grado como maravilhosos”

1. Lalande (1999, p. 1293): em Hegel, “a *Aufheben* representa o (...) movimento pelo qual se faz a síntese”.

mente novos ou absolutamente arcaicos, enquanto que, há dois séculos (não menos e, entretanto, não muito mais), constituíram a trama sombria, mas sólida, de nossa experiência?

Michel Foucault, *O nascimento da clínica*

Diante de um muro, pode-se descansar à sombra, esmurrá-lo ou escalá-lo para ver as coisas de um outro ponto de vista. “Obstáculo epistemológico”, em Gaston Bachelard, é uma categoria dialética (BACHELARD, 1974). É, portanto, lugar de falta e de criação: ali, onde o pesquisador erra ou esquece, mora uma possibilidade de criação, de ato criativo, uma marca própria. Um estilo é sempre marca de falta, é corroboração da imperfeição e da incompletude: é um dizer não a um supereu tirânico e, ao mesmo tempo, afirmar um ‘possível’ que vibra e pulsa. Um estilo se dobra ao que acontece, rabisco no psiquismo – tal qual no “bloco mágico” de Freud (1976b) – como um traço limite do sujeito, rastro memória, aberto às traquinagens do desejo, do fantasma, do sintoma; ou como traço tatuagem, cicatriz, passível de se anuviar com o tempo, mas que está sempre lá.

Neste trabalho², reconhece-se a psicanálise como “região na ciência da história” (ESCOBAR, 1974, p. 9) e na história das ciências. Tomando como ponto de partida o cerne da revolução epistemológica freudiana, consideremos a empreitada daquele que, com sua pulsão epistemofílica, enfrentou e “escalou” difíceis obstáculos epistemológicos, dentre os quais se poderia destacar:

1) os limites da “neurociência”³ da época, ou seja, dos métodos e técnicas de investigação neuropatológica. James Strachey afirma que, quando Freud chegou a Paris, em 1885, o seu “interesse eleito” era pela “anatomia do sistema nervoso: ao partir, sua mente estava povoada com os problemas da histeria e do hipnotismo” (FREUD, 1977, p. 34). Houve aí, decerto, influência de Jean-Martin Charcot, que, embora postulasse a ideia de que o limite técnico (ausência de lesão patognomônica) imposto à neuropatologia no que tangia à hipótese etiológica da histeria que subvertia os traçados neurais era apenas uma questão de tempo, de desenvolvimento das técnicas de investigação neuropatológicas, “costumava dizer que, falando de modo geral, o trabalho da anatomia estava encerrado e que a teoria das doenças orgânicas do sistema nervoso podia ser dada como completa: aquilo que a seguir precisava ser abordado eram as neuroses” (FREUD, 1977, p. 42); bem como do psicologismo de Bernheim, que lhe oferecia “o princípio de uma terapia que abria caminho para um tratamento pela palavra” (ROUDINESCO, 2016, p. 69). Talvez se possa propor que, diante da oposição entre as escolas de Paris e de Nancy, mais do que uma fuga da controvérsia, Freud a supera (no sentido de *Aufheben*) na concepção de uma materialidade psíquica de síntese consubstanciada no “traço mnemônico”⁴ (FREUD, 2011);

2. Trabalho parcial de conclusão de Estágio de Pós-doutoramento no PPG em Teoria Psicanalítica da UFRJ (linha de pesquisa: Fundamentos históricos e teóricos da Psicanálise). Outros três textos se somam a este: 1) “Anuviar, elidir, silenciar? Notas históricas, críticas e epistemológicas sobre a permanência de um mal-estar no campo psicanalítico em torno da obra e do nome de Wilhelm Reich” (no prelo, *Mnemosine*, UERJ); 2) “Acerca do ensino de Psicologia Médica para estudantes de Medicina com base no referencial teórico psicanalítico: percalços do ofício docente” e 3) “Diálogos reais e imaginários com Joel Birman: fragmentos de discurso”.

3. Peço licença “poética” para empregar a palavra, pois, obviamente, não havia, no século XIX, o termo ‘neurociência’.

4. Ou “traço mnemônico” (BIRMAN, 2011).

2) a pobreza relativa de um saber psiquiátrico que, na ausência da base estável, visível e legível da lesão patognomônica sustentante do método anátomo-clínico, era essencialmente classificatório e nosográfico:

na sua forma atual, é exclusivamente de caráter descritivo; simplesmente ensina o estudante a reconhecer uma série de entidades patológicas, capacitando-o a distinguir quais são incuráveis e quais são perigosas para a comunidade (...) mas não oferece a menor compreensão dos fatos observados. Tal compreensão só poderia ser fornecida por uma psicologia profunda. (FREUD, 1976a, p. 218)

Há uma série de mediações teóricas e epistemológicas a se resgatar para compreender adequadamente as transformações do saber psiquiátrico nos séculos XVIII e XIX, mas não cabe desenvolvê-las em profundidade nas balizas deste atual trabalho. No entanto, deve-se salientar que a criação do conceito de Inconsciente e a instituição da prática psicanalítica marcaram uma ruptura epistemológica, uma “revolução psiquiátrica” (BIRMAN, 1978, p. 1), que teria em Freud seu nome paterno. Apesar do apelo da História da Psiquiatria, pode-se pensar a “ruptura freudiana” (Idem) como sendo, a rigor, a primeira revolução psiquiátrica. Afinal, o que a história formal da psiquiatria evoca como “primeira revolução” (Ibid.) é justamente o que se pode entender, de acordo com a referência epistemológica francesa, não como uma descontinuidade na ordem do saber psiquiátrico, mas como o momento mesmo de “criação” da psiquiatria (ou “medicina mental”). Não haveria “psiquiatria” antes de Philippe Pinel (EY, 1965) e, a rigor, deve-se chamar de “alienismo” (CASTEL, 1978) a medicina mental que Pinel instaura, pois “é como alienação mental que a loucura se torna uma verdade positiva” (BIRMAN, 1978, p. 4). Embora reconheça a importância de Tuke, Chiarugi e Chambéry, entre outros, Henry Ey é categórico:

Pero fue Ph. Pinel, heredero de los primeros grandes sistemas nosográficos (y especialmente del de Cullen) quien fundó verdaderamente la psiquiatria en su famosa *Nosographie philosophique* (1798) y en su *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale ou la Manie* (1801) (EY, BERNARD e BRISSET, 1965, p. 49)⁵

3) a problemática das “lembranças inconscientes” (FREUD, 1976, p. 246) que o estudo da etiologia (psicogênese) da histeria evocava – problemática que, no final do século XIX, não encontrava lugar no “campo da psicologia”. A busca de uma psicologia profunda, “uma psicologia cujo caminho o trabalho atual dos filósofos não nos prepara” (Idem, p. 247), associada à recusa de uma psicologia que se pretendia exclusivamente fisiológica – “pretensão fisicalista” (BIRMAN, 2018, p. 38) – o levou a abandonar definitivamente o *Projeto* (de 1895) e seu campo epistemológico em 1900, com a publicação de *A interpretação de sonhos* (BEZERRA JR., 2013). Freud percebeu que sua tentativa de “forjar outra psicologia em bases científicas” (BIRMAN, 2018, p. 37) esbarrava internamente no obstáculo (caía na armadilha) que guardava, no campo da psicologia, a fronteira epistemológica da anatomia cerebral e da fisiologia do sistema nervoso. De fato, o “Projeto para uma psicologia científica” somente foi publicado em alemão em 1950, mais de uma década após a sua

5. Os trabalhos de Foucault (1978), Castel (1978) e Birman (1978) são referências teóricas e históricas no que concerne a esta problemática.

6. Por decisão de Anna Freud. A publicação em inglês data de 1954 (BEZERRA, 2013).

7. Gosto de brincar de nomear o conjunto dos cinco ensaios clássicos (As pulsões e seus destinos, O recalque, O Inconsciente, Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos e Luto e melancolia) o ‘Pentateuco’ da metapsicologia freudiana - a despeito, é claro, de um sexto ensaio, acerca das neuroses de transferência, manuscrito descoberto somente em 1983.

8. “Se não posso dobrar as regiões superiores, moverei o Aqueronte”. Na mitologia grega, Aqueronte era o nome de um dos rios do Inferno. Conduzidas pelo barqueiro Caronte, as almas dos mortos deveriam atravessá-lo. Essa passagem freudiana me remete a Marx: “Não há estrada real para a ciência. Só tem possibilidade de chegar a seus cimos luminosos aqueles que enfrentam a cansaça para galgá-los por veredas abruptas” (MARX, 1982, p. 19). Se Freud leu essa passagem, não há como afirmar. Todavia, essa semelhança é um indício de uma verve comum a animá-los.

9. Considerando-se, por exemplo, o contexto da escola de medicina de uma universidade federal, na qual leciono.

10. Sobre isso, ver texto de minha autoria (CARVALHO, 2020, inédito) que, revisto para publicação escrita, foi apresentado no II Seminário Internacional EXPRESSA, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da

morte (contrariando sua vontade em vida)⁶. Essa renúncia epistemológica era assaz coerente, pois, “ao se enunciar como teoria, a psicanálise pretendia ser uma crítica sistemática da psicologia” – crítica que “se formalizou na construção da metapsicologia, como estranha palavra inventada e como novo conceito” (BIRMAN, 2018, p. 40). Com o neologismo “metapsicologia”, Freud abria, etimologicamente, a possibilidade de uma *metà-psykhé-lógos*, um discurso *para além* da psicologia – o que significava, no contexto epistemológico da época, um discurso para além (ou, dependendo do ponto de vista, “aquém” ou “fora”) da consciência.

Para se ter uma ideia da extensão e da profundidade do corte que o pensamento freudiano provocava, basta lembrar que, enquanto Kraepelin, contando com fomento universitário e assentado em Wundt e sua psicologia fisiológica experimental, se esmerava na construção de um método descritivo supostamente objetivo e imune a qualquer interpretação de ordem psicológica, Freud, por sua vez, colocava justamente em evidência a condição do sujeito – e mais, fazia emergir um sujeito do Inconsciente. Em 1915, ao passo que Kraepelin fincava os fundamentos da disciplina psiquiátrica na construção de um aparentemente estável sistema de classificação nosológico unificado na entidade *dementia praecox* e publicava a oitava e última edição do seu “Tratado de Psiquiatria”, Freud dava à luz seus “Ensaio de metapsicologia”⁷.

Se, como demonstra Foucault (1994), “no início do século XIX, os médicos descreveram o que, durante séculos, permanecera abaixo do limiar do visível e do enunciável”; Freud, no final do mesmo século, sem recorrer concretamente ao bisturi e ao martelo que serviam à anatomopatologia do encéfalo (ferramentas que ele dominava com destreza) mas se mostravam inúteis à psicologia profunda, enunciava o que, apesar de invisível, forçava não sua aparição, mas sua *escuta* na superfície da linguagem. Impaciente, insatisfeito e desejanste, nadando contra a corrente, Freud se lançou por inteiro na construção de uma teoria original do psiquismo (“aparelho psíquico”, nascido como “aparelho de linguagem”, em 1891) e ao encontro do até então remoto, insondável e posto à sombra *Inconsciente* (“*das Unbewusste*”) – como quem traz “à luz do dia, após longo sepultamento, as inestimáveis embora mutiladas relíquias da antiguidade” (FREUD, 1972, p. 10). Não à toa, no frontispício de *A interpretação dos sonhos*, de 1900, “cujo capítulo VII é uma espécie de certidão de nascimento oficial da psicanálise” (BEZERRA JR, 2013, p. 30), Freud enverga o enunciado de Virgílio: “*Flectere si nequeo súperos, Acheronta movebo*”⁸. Ferenczi (2011a, p. 107), em 1933, no que seria um de seus últimos textos publicados em vida, interpretava:

Ele quis caracterizar o fato científico de que os problemas mais importantes do espírito humano só podem ser abordados a partir das profundezas do inconsciente. Entretanto, pode-se interpretar essa divisa num outro sentido. Os baluartes da ciência ainda em nossos dias opõem resistência à introdução de um ensino psicanalítico. Falta ainda um bom período de tempo até que se ouçam as pancadas cada vez mais fortes do mundo médico batendo às portas das universidades, onde por agora só ecoam como bramidos oriundos das profundezas. Só nesse momento a psicanálise passará a ocupar o lugar que lhe compete nos currículos.

Educação da Universidade do Porto/Portugal, em outubro de 2019, também como parte dos trabalhos realizados ao longo do estágio de pós-doutoramento PPG Teoria Psicanalítica/UFRJ.

11. “É verdade que a filosofia repetidamente tratou do problema do inconsciente, mas, com poucas exceções, os filósofos assumiram uma ou outra das duas posições seguintes: ou o seu inconsciente foi algo de místico, intangível e indemonstrável, cuja relação com a mente permaneceu obscura, ou identificaram o mental com o consciente e passaram a deduzir dessa definição que aquilo que é inconsciente não pode ser mental nem assunto da psicologia” (FREUD, 1972, p. 213).

12. Inconsciente latente ou pré-consciente (*Pcs*) e inconsciente recalçado (*Ics*). Como destaca o tradutor Paulo César de Souza, Freud recorre a maiúsculas para grafar as abreviações quando se referem a substantivos (Freud, 2011: 18).

13. “Regra que estrutura a situação analítica: o analisando é convidado a dizer o que pensa e sente sem nada escolher e sem nada omitir do que lhe acode ao espírito, ainda que lhe pareça desagradável de

Pelo andar da carruagem⁹, a profecia ferencziana (“a influência de Freud sobre a medicina”) há de aguardar um pouco mais, pois o processo é lento: o ensino de base teórica psicanalítica – ou mesmo a simples apresentação, com intuito reflexivo e contributivo à semiologia/clínica médica¹⁰, sem o propósito de formar “psicanalistas” – não passa, 87 anos depois, de um “bramido oriundo das profundezas”. Porém, embora raramente escutado, o inconsciente continua a bramar.

Mas, diga-se de passagem, ao contrário do que comumente se imagina, Freud não é o criador da *ideia de inconsciente*. Nesse aspecto, se refere a Helmholtz, Brücke (seu professor na escola de fisiologia e neurologia de Helmholtz), Scherner, Lipps e até mesmo a Goethe; mas faz questão de, já em 1900, evocar a especificidade do conceito psicanalítico:

[...] aquilo que assim descrevo não é o mesmo que o inconsciente dos filósofos¹¹ ou mesmo o inconsciente de Lipps (...) A nova descoberta que nos foi ensinada pela análise das estruturas psicopatológicas e do primeiro membro dessa classe – o sonho – reside no fato de ser o inconsciente encontrado como uma função de dois sistemas independentes e que este é o caso tanto na vida normal quanto na patológica. Dessa maneira, existem duas espécies de inconscientes¹², que ainda não foram distinguidas pelos psicólogos. (FREUD, 1972, p. 652-653)

Uma marca distintiva do conceito de inconsciente psicanalítico é o emprego substantivo do termo (GARCIA-ROZA, 2014, p. 171); não como qualidade – adjetivo – da ausência de consciência, mas como um lugar psíquico, uma tópica psíquica dinâmica.

Em nota, o editor inglês da *Standard Edition* atribui a primeira ocorrência da expressão *das Unbewusste* a um texto de Breuer de 1893 sobre o caso “Anna O”, destacando que “o fato de Breuer colocá-la entre aspas poderá possivelmente indicar que o esteja atribuindo a Freud” (FREUD, 1974, p. 89, n. 1). Já Ferenczi atribui ao trabalho de Breuer com “sujeitos histéricos” o reconhecimento, pela primeira vez, em 1881, do “conteúdo de grupos de representações enterradas no inconsciente e a natureza dos afetos a elas vinculados” e assegura que “durante dez anos, essa observação clínica permaneceu, inutilizada, nas gavetas do médico vienense [Breuer], até que, por fim, Freud reconheceu sua significação universal [em 1891]. A exploração do universo psíquico inconsciente está associada, portanto, ao nome de Freud” (FERENCZI, I, p. 270). Garcia-Roza (2014, p. 140), por sua vez, recua ainda mais o primeiro emprego substantivo do termo *das Unbewusste* na obra de Freud: 1888, no verbete “Histeria”, escrito para a Enciclopédia Médica *Villaret*. Essas datações, se não são suficientes para mudar a data da “certidão de nascimento da psicanálise”, ao menos faz indagar – um pouco mais – a respeito da sua genealogia conceitual.

Todavia, não há dúvida de que, como filha desejante, a psicanálise precisou se rebelar para afirmar sua singularidade em relação aos pais epistemológicos severos. No seu crescimento, alimentou-se de conhecimento humanista, desde a filosofia grega clássica, passando pelas antigas tragédias e diálogos cômicos até a poesia e o dra-

- comunicar, ridículo, desprovido de interesse ou despropositado” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1986, p. 565).
14. Ao iniciar o curso de Psicologia Médica (para estudantes de medicina) sempre apresento essa passagem autobiográfica de Freud. Na aparência, para a maioria, não passa de uma informação sem maior relevância. Todavia, sempre há um ou outro aluno que, ao final da aula, vem a mim - quase que ‘em segredo’ - comentar como foi tocado pela passagem.
15. Lógica como em Kant (1992, p. 30): “a ciência da forma do pensamento”.
16. Diga-se de passagem, Freud fala explicitamente em “magia” da palavra num texto de 1890, ‘Tratamento psíquico’ (FREUD, 2019, p. 31). Nesse texto e contexto, Freud apenas tangencia (sem nomear) o conceito de transferência; conceito que, embora ainda distante no horizonte teórico de uma psicanálise que aguardaria uma década para obter sua certidão de nascimento, ali já se insinuava.
17. Balint (2014), no capítulo 8 de *A falha básica* (“Contradições inerentes”), tangencia essa questão em uma nota de rodapé. Aprofundar essa investi-
- ma moderno. Para Strachey (1966), Freud “não era apenas um hábil neuroanatomista e fisiologista; era também largamente versado nos clássicos gregos e latinos, bem como na literatura de seu idioma e nas literaturas da Inglaterra, França, Itália e Espanha” (STRACHEY, 1966, p. 17), além de assaz interessado pelas artes plásticas (visuais). Acrescentaria à lista de Strachey a literatura russa: por exemplo, quem haveria de negar a presença de Dostoievski na obra de Freud, mais especificamente na proposição da regra básica da associação livre, não obstante o fato de Freud ter declarado não gostar de sua prosa (FREUD, 1974a, p. 226)? “Não quero que nada me limite na redação de minhas memórias. Não vou desenvolver uma ordem e um sistema. Vou escrevendo conforme a minha lembrança”, diria o personagem principal de “Memórias do subsolo” (DOSTOIEVSKI, 2013, p. 62), como se transpusesse a “regra fundamental”¹³ da dimensão da fala para a da escrita.
- Embora homem da ciência do seu tempo, promove o encontro da psicanálise com “o ideário teórico do Renascimento” (BIRMAN, 1992, p. 16), que fora silenciado pela emergência avassaladora da ordem positivista e da verificação empírica. Em “A questão da análise leiga”, de 1926, Freud salienta a importância de estudos que a educação médica formal não oferece e que “o médico não encontra em sua clínica: a história da civilização, a mitologia, a psicologia da religião e a ciência da literatura. A menos que esteja bem familiarizado nessas matérias, um analista nada pode fazer de uma grande massa de seu material” (FREUD, 1976c, p. 278).
- Freud (Ibid., p. 19) dizia: “Foi ouvindo o belo ensaio de Goethe sobre a Natureza (...) que resolvi tornar-me estudante de Medicina”¹⁴. Goethe é muito presente na obra de Freud e lhe possibilitou evocar Fausto ao designar “a Metapsicologia da Feiticeira” em “Análise terminável e interminável” (FREUD, 1975, p. 257). Embora Goethe fosse um mestre nas “Ciências do Espírito” (*Geisteswissenschaften*), era igualmente um investigador das “Ciências da Natureza” (*Naturwissenschaften*), um notável *Naturforscher* (HELIODORO TAVARES, 2007). Descobriu-se, após a morte de Freud, que Goethe não era o autor do ensaio (datado de 1780), mas sim o escritor suíço Georg Christoph Tobler (FREUD, 1976c, p. 19, nota de James Strachey). Contudo, segundo Boyle (1992), merece destaque que Tobler e Goethe eram interlocutores. De qualquer forma, não se pode negar que, naquele contexto epistemológico alemão de dicotomia entre “Espírito” e “Natureza”, Freud cria estar sob a poderosa influência de Goethe ao justificar sua escolha pelo curso de Medicina ao invés de seguir o caminho direto das *Geisteswissenschaften*, que igualmente o tocavam intelectualmente.
- O discurso freudiano, pela mediação da “prática da interpretação” (BIRMAN, 1992, p. 16), reencontra e retoma saberes ditos “pré-científicos” (que ainda ressoam na época Renascentista) cuja lógica¹⁵ se mostrava indispensável para acessar o mundo do Inconsciente, o mundo dos sonhos, das parapraxias, da associação livre, das pulsões e das encruzilhadas da linguagem. Filosofia, literatura, artes plásticas, teatro e (por que não?) uma boa dose de lógica alquímica e

gação exigiria trilhar uma difícil e delicada zona de fronteira na qual se atravessam os registros biográfico, clínico, epistemológico e metapsicológico, o que está fora do escopo deste escrito.

18. Roudinesco (2016, p. 106) assegura que, entre 1895 e 1900, “Freud leu tanto a *Divina Comédia* que passou a mandar inimigos e adversários para o inferno”.

19. “a via de condução passa por um protoplasma indiferenciado e não (como por outro lado acontece no interior do neurônio) por um diferenciado, que provavelmente se adapta melhor à condução. Esse fato sugere que a capacidade de condução está ligada à diferenciação, de modo que se pode esperar que o próprio processo de condução crie uma diferenciação no protoplasma e, com isso, uma melhor capacidade para a condução subsequente” (FREUD, 1977, p. 399).

20. “Digamos também que o Eu tem um ‘boné auditivo’, apenas de um lado, como atesta a anatomia cerebral” (FREUD, 2011, p. 30). “Poder-se-ia dizer que o usa de viés” (FREUD, 1980, p. 38). A edição standard traduz como “receptor acústico” e, em nota de rodapé, destaca a palavra ‘hörkappe’ (*kappe*, em alemão coloquial, quer dizer ‘boné’). Gamwell e Solms (2008, p. 141) traduzem como “cápsula de escuta”. Interessante notar que aquele que rastreia a origem anatômica

da magia¹⁶ são “aminoácidos essenciais”, fatores proteicos da dieta da psicanálise que nasce com Freud – além, é claro, da formação singular do próprio fantasma e do desejo freudiano¹⁷ que o empurrava para as franjas da ciência em direção ao passado obscuro e recalcado, quiçá como um Dante, guiado por Virgílio pelos círculos do Inferno e do Purgatório, em busca de Beatriz: “Vivo desejo em mim ateadado, / A Beatriz voltei-me; ter queria / A solução do que era inexplicado” (Dante Alighieri, *Divina Comédia*, Paraíso, Canto XXXI, 2003, p. 19). Não deixa de ser curioso que o Virgílio (70 a.C.-19 a.C.) citado por Freud no frontispício de *A interpretação dos sonhos* é o mesmo que, cerca de 1300 anos depois, viraria personagem na obra de Dante (1265-1321), *Divina Comédia*. Encontro significativo – o significativo está lá¹⁸.

Psicanálise e neurociência: um diálogo possível?

A Freud, neurologista, exímio em neuropatologia e pioneiro “neurocientista” do século XIX (GUENTHER, 2013; COSTANDI, 2014; MCGOWAN, 2014; OWEN, 2018), se atribui papel seminal no desenvolvimento dos conceitos de neurônio e sinapse e, portanto, lugar de construtor das condições de possibilidade da “doutrina do neurônio” (GAMWELL e SOLMS, 2008; COSTANDI, 2014). Ramón y Cajal, utilizando métodos de coloração similares aos desenvolvidos por Freud (1977, p. 395) para estudos histológicos do sistema nervoso, dá crédito a Freud pela evidência da existência dos neurônios (COSTANDI, 2014; GAMWELL e SOLMS, 2008). Shepherd, em *Fundações da doutrina do neurônio*, dedica um capítulo inteiro às contribuições de Freud. Brazier, em *The historical development of neurophysiology*, de 1959, atribui a Freud a antecipação do conceito de sinapse. De fato, em 1895, dois anos antes de Foster e Sherrington empregarem o termo “sinapse” (GAMWELL e SOLMS, 2008, p. 83; FREUD, 1972), Freud lançara a sua hipótese de “barreiras de contacto”¹⁹ (FREUD, 1977, p. 398-403).

Freud passou a ver entre sistemas de neurônios relações não somente espaciais e anatômicas, mas temporais e funcionais e antecipou a noção de neuroplasticidade (FREUD, 1980, I; GAMWELL e SOLMS, 2008; LESTIENNE e LOTSTRA, 2009). Freud também cunhou o atualmente universal e consagrado conceito de *agnosia*, como atesta a seguinte passagem, de 1891:

Eu gostaria de sugerir que os distúrbios no reconhecimento de objetos, que Finkelnburg reúne sob o conceito de assimbolia, sejam denominados “agnosia”. Seria então possível que distúrbios agnósicos, que podem surgir em decorrência de lesões corticais bilaterais e estendidas, também causem um distúrbio da linguagem (...). Esses distúrbios da linguagem eu denominaria afasias de terceira ordem, ou afasias agnósicas. A experiência clínica, realmente, nos apresentou alguns casos que demandam essa concepção (FREUD, 2014, p. 96-97).

Enfim, o Freud que rastreou a origem anatômica do nervo acústico e, depois, no famoso diagrama de 1923, ousou afirmar que o Eu possui um “boné auditivo”²⁰, é o mesmo Freud que introduz a “escuta” como técnica e condição de possibilidade do trabalho psicanalítico e nos alerta, em *A interpretação dos sonhos*, para que não co-

do nervo acústico é o mesmo que destaca o lugar da escuta na técnica psicanalítica.

21. Em comunicação oral de 20 de agosto de 2019, no Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP-RJ), por ocasião do curso livre “Freud e a clínica psicanalítica”, Joel Birman, por sua vez, recusa a filiação histórica e epistemológica direta da psicanálise à psiquiatria e sustenta que a psicanálise advém da fronteira entre a clínica médica, a clínica neurológica (lugar original da problemática da histeria) e a clínica ginecológica.

22. Aqui, comete a gafe epistemológica de colocar Freud e Jung no mesmo balaio teórico-conceitual.

metamos o erro de “tomar os andaimes como se fossem o edifício” (FREUD, 1972, p. 572; GAMWELL e SOLMS, 2008, p. 131). Essa lição é bem atual.

Há uma série de publicações recentes a propor um enquadramento da psicanálise (dos pontos de vista histórico, epistemológico e clínico) como filha do casamento entre neurologia e psiquiatria²¹. Exercício tenso e diálogo difícil, mormente nesses tempos de “redescoberta” de Freud pela neurociência e de hiperinflação da racionalidade bioquímica psiquiátrica: movimento ambíguo, que exalta e ao mesmo tempo parece querer conter, dominar, “domesticar” a verve psicanalítica. Em 1993, Julia Kristeva (apud FONTES, 2002, p. 162) apontava dois reptos que já estavam postos à psicanálise: a competição com a neurociência e o “aparente” jardim de rosas vendido pela indústria de psicofármacos. Os trabalhos de DAMÁSIO (2015), RAMACHANDRAN (2014) e GUENTER (2013) – os dois primeiros mais performáticos – são uma amostra: quando elogiam a psicanálise, deixam uma pulga atrás da orelha. Por exemplo, analisando-se a progressão do texto de António Damásio, nota-se que ele reconhece que as neurociências não avançaram como esperado no terreno das emoções (DAMÁSIO, 2015, p. 42), assume que sua concepção de consciência “vincula-se historicamente” (Idem, p. 107) à de Freud e discorre sobre o “inconsciente”, embora sem citá-lo diretamente: “o mundo do inconsciente psicanalítico tem suas raízes nos sistemas neurais que sustentam a memória autobiográfica, e a psicanálise geralmente é vista como um meio de enxergar a memória autobiográfica através da emaranhada rede de conexões psicológicas” (Ibid., 2015, p. 186). No entanto, mais adiante, no penúltimo capítulo, seu parecer é revelador da disputa: “[mas] não precisamos endossar os mecanismos propostos por Freud e Jung²² para admitir a existência e reconhecer o poder dos processos inconscientes no comportamento humano” (DAMÁSIO, 2015, p. 238). Percebe-se aí, nesse último enunciado de Damásio, uma flexão discursiva representativa do que Birman (2018) descreve como disputa pela hegemonia no campo psicopatológico; disputa que, a partir da década de 1970, por efeito da assunção do “paradigma das neurociências” pela psiquiatria (que passou a ter na psicofarmacologia sua referência terapêutica fundamental), deslocou o discurso psicanalítico de sua “posição estratégica no campo psiquiátrico” (BIRMAN, 2018, p. 192-196).

Lestienne e Lotstra (2009), por sua vez, conquanto sustentem que “L’inconscient est certes un point de rencontre entre Neurosciences et Psychanalyse” e que “La trace psychique et la neuroplasticité représentent une articulation importante” entre psicanálise e neurociências, também defendem a independência epistemológica entre os dois campos de saber: “La proposition de définitions claires des concepts neurologiques, cognitifs et psychanalytiques de l’inconscient permet de se prémunir de tout amalgame et de respecter l’indépendance des champs du savoir” (Ibid., p. 40 e 44).

Neurologistas da Escola Paulista de Medicina da Unifesp, por seu turno, questionando a eficácia da farmacoterapia nas síndromes neuropsiquiátricas, defen-

dem que “a psicanálise poderia ser um mecanismo interessante na indução da neurogênese hipocampal” (SCORZA e CAVALHEIRO, 2013). O subtítulo do artigo, “muito mais do que um simples blá, blá, blá”, porém, além de analisador do senso comum intelectualizado, revela um enunciado que, circulando informal e coloquialmente no interior do campo médico discursivo, cumpre sua função de síntese simbólica pejorativa na expressão “blá, blá, blá”.

O início do século XXI parece mostrar que a neurociência, ainda que timidamente, tenta se aproximar da psicanálise, mais especificamente no que tange a questões da linguagem, da memória (SCORZA e CAVALHEIRO, 2013) e de mecanismos de repressão da memória (ANDERSON e GRENN, 2001; ANDERSON *et al*, 2004). Ansermet e Magistretti (2004) defendem que a psicanálise é capaz de proporcionar à neurociência um caminho novo em direção à investigação da hipótese do Inconsciente (que Freud explorou clinicamente) e que as neurociências são capazes de proporcionar à psicanálise correlações biológicas que Freud supunha (e, diga-se de passagem, esperava que o progresso científico com o tempo trouxesse). Pellé (2015) segue por caminho semelhante, enquanto Sidarta Ribeiro (2003) destaca que resultados experimentais corroboram alguns “insights” freudianos a respeito da composição e da função dos sonhos e que tais achados da clínica psicanalítica do início do século XX, diante da falta de um método quantitativo e de hipóteses testáveis, foram postos à margem, durante décadas, pela ciência neurológica. Entre outros estudos nessa direção, pode-se também destacar os de Arminjon, Ansermet e Magistretti (2010). Arminjon (2011) defende a tese de que a oposição entre “inconsciente cognitivo” e inconsciente freudiano repousa em um mal-entendido epistemológico. Arminjon, Mouras e Llobera (2013) propõem uma “neuropsicanálise da empatia clínica”.

Todavia, uma incompatibilidade que se apresenta à beira desse fosso epistêmico, de imediato, é de ordem semiológica e metodológica. A escuta do sujeito, que na clínica psicanalítica é central (valorização do sintoma), cada vez menos importa à semiologia médica contemporânea (valorização do sinal-imagem): o sujeito do sintoma praticamente desaparece (parafrazeando Lacan, esse sujeito em *fade out*) enquanto se hipertrofia um olhar tecnológico que pretende tornar visível, no cérebro vivo, em tempo real, um *suposto* sinal do que, outrora, sequer se revelaria às (“ouro puro”) anatomia e histologia patológicas (*a posteriori*, i.e., *post mortem*). Geneviève Haag (apud FONTES, 2014, p. 46), atenta a isso, alerta para o risco do “reducionismo neurológico”: no caso da clínica do autismo, por exemplo, a confirmação da hipótese de que a hipersensibilidade aos barulhos se inicia no útero e que essa hipersensibilidade pode afetar o desenvolvimento do lobo temporal esquerdo tende a produzir uma “perspectiva puramente cerebral” que desconsidera o “ambiente sonoro” e a problemática da subjetividade. Essa crítica está a nos recordar que, apesar de silenciado, o sintoma insiste em romper e irromper, como afirma Reich (1977, p. 77): o sintoma “é a negação (rotura) da negação (recalcamento)”²³.

23. Os parênteses são originais do texto de Wilhelm Reich.

24. Atualmente, no Brasil, gostaria de destacar o papel do movimento social “Psicanalistas Unidos pela Democracia” (PUD), sobretudo desde os atos de protesto e resistência de 2019.

25. No intuito de enfatizar o sentido e a demanda presente, deliberadamente mudei a flexão dos tempos nos verbos ‘exigir’ e ‘inscrever’, respectivamente, para presente do indicativo e presente do subjuntivo, onde originalmente o autor flexionara no futuro do pretérito.

26. “Nunca me preocupe com (...) uma morte da filosofia. A filosofia tem uma função que permanece atual, criar conceitos. Ninguém pode fazer isso no lugar dela. Certamente, a filosofia sempre teve seus rivais (...) Hoje é a informática, a comunicação, a promoção comercial que se apropriam dos termos “conceito” e “criativo”, e esses “conceituadores” formam uma raça atrevida que exprime o ato de vender como o supremo pensamento capitalista, o cogito da mercadoria. A filosofia sente-se pequena e só diante de tais potências, mas, se chegar a morrer, pelo menos será de rir” (DELEUZE, 1992, p. 170).

Nessa toada, Joel Birman chama a atenção para a problemática da “medicalização da psicanálise”: quando a psicanálise se interessa pelos “modelos biológicos das neurociências” e incorpora em seu discurso “os referenciais teóricos do discurso psiquiátrico”, silencia a sua “especificidade” e fomenta a descaracterização do seu próprio discurso (BIRMAN, 2018, p. 196). Esses encontros e confrontos, pelo visto, estão em aberto. Será necessário estudar e se posicionar com firmeza e muita clareza nesse lugar de interseção e (viável ou não) interdisciplinaridade; pois, embora tentador e perigoso, como são as beiras de todo fosso epistêmico, esse lugar está dado. Ademais, é inegável que, não obstante idiosincrasias e querelas, as histórias da psicanálise e da neurociência estão epistemologicamente *entre-laçadas*.

Entretanto, se a década de 1990 foi declarada a “década do cérebro” (Lakoff, 2000), parece evidente que quase meio século de “sucessos” da psicofarmacologia e da neurociência não foram suficientes para “suprimir” ou “tratar” a “problemática do mal-estar” que avassala e desalenta “o sujeito na contemporaneidade” (BIRMAN, 2014). Embora isso se mostre insuficiente (até o momento e dada a correlação desigual de forças no mercado da psique) para fazer o discurso psicanalítico retomar sua “posição estratégica no campo psiquiátrico” (BIRMAN, 2018), é também indubitável que a psicanálise está a reconstruir e reforçar seu lugar no campo acadêmico e no social²⁴ (BIRMAN, 2019).

A psicanálise resiste?

Zizek (2010, p. 9) evoca Lacan (em seu retorno “ao âmago da revolução freudiana”) para realçar que Freud não tinha plena consciência do tamanho da revolução epistemológica que desencadeava. Birman (2019, p. 323-324, *itálicos do autor*), lembrando Lacan em “Função e campo da fala e da linguagem”, enuncia que “a *clínica* como experiência [exige] do analista o compromisso com o horizonte histórico do seu tempo, de maneira que o *ato psicanalítico* se [inscreva] necessariamente no cumprimento de onda do *espaço social*”²⁵. Essa visada expressa um inegável processo de revolução histórica, epistemológica, clínica e política em curso no interior de um movimento psicanalítico que, sobretudo desde a década de 2010, se reinventa criticamente e se reinsere no “horizonte histórico do seu tempo” a contrariar profecias que, no início do século XXI, anunciavam sentenças do tipo: “o atual sucesso da psiquiatria biológica e da ideologia que a fundamenta talvez signifique que, mais que a anatomia, a *biologia* seja nosso destino” (RUSSO, 2002, p. 77).

Se para alguns, dentro ou fora do campo psicanalítico, essas questões parecem fora de foco, desgastadas, passadas ou encerradas, seria oportuno lembrar, uma vez mais, Zizek (2010, p. 8): “no caso da psicanálise o funeral talvez seja prematuro, celebrado para um paciente que ainda tem uma vida longa pela frente. Em contraste com as verdades ‘evidentes’ abraçadas pelos críticos de Freud (...) só hoje o tempo da psicanálise está chegando”. Ademais, parafraseando o chiste deleuziano²⁶ em *Sobre a*

filosofia (Deleuze, 1992), se a psicanálise chegar a morrer, pelo menos não será de tédio.

Referências:

ANDERSON, Michael C.; GREEN, Collin. Suppressing unwanted memories by executive control. *Nature* 410, 2001, p. 366–369.

_____ et al. Neural Systems Underlying the Suppression of Unwanted Memories. *Science*, Vol. 303, Issue 5655, 2004, p. 232-235.

ANSERMET, François e MAGISTRETTI, Pierre. *À chacun son cerveau: plasticité neuronale et Inconsciente*. Paris: Odile Jacob, 2004.

ARMINJON, The four postulates of Freudian unconscious neurocognitive convergences. *Frontiers in Psychology*, Vol. 2, Article 125, 2011.

_____; ANSERMET, François; MAGISTRETTI, Pierre. The homeostatic psyche: Freudian theory and somatic markers. *J Physiol Paris*;104(5):272-8, 2010.

_____; MOURAS, Harold; LLOBERA, Joan. Vers une neuropsychanalyse de l'empathie Clinique. *Éditions Matériologiques*, Vol. 11, 2013, p. 33-54.

BACHELARD, Gaston. *Epistémologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.

_____. *La formación del espíritu científico: contribución a un psicoanálisis del conocimiento objetivo*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974a.

BALINT, Michael. *A falha básica*. São Paulo: Zagodoni, 2014.

BEZERRA JR, Benilton. *Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BIRMAN, Joel. *A psiquiatria como discurso da moralidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

_____. *A direção da pesquisa psicanalítica: uma leitura dos pressupostos freudianos da psicanálise*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, Série Estudos em Saúde Coletiva n° 015, 1992.

_____. A materialidade da psicanálise. In Anna Carolina Lo Bianco [org.], *A materialidade da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

_____. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019 (13ª edição).

BOYLE, Nicholas. *Goethe: The Poet and the Age: Volume I: The Poetry of Desire*. Oxford: Oxford Paperbacks, 1992.

CARVALHO, Alexandre Magno Teixeira de. *Acerca do ensino de Psicologia Médica com base no referencial psicanalítico: percalços do ofício*. Mimeo, 2020, inédito.

- CASTEL, Robert. *A Ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- COSTANDI, Mo. *Freud was a pioneering neuroscientist*. 2014. <https://www.theguardian.com/science/neurophilosophy/2014/mar/10/neuroscience-history-science>
- DAMÁSIO, António. *O mistério da consciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- DANTE ALIGHIERI. *Divina Comédia*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Hedra, 2013.
- ESCOBAR, Carlos H. *Psicanálise e ciência da história*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- EY, Henry; BERNARD, Paul; BRISSET, Charles. *Tratado de Psiquiatria*. Barcelona: Toray-Masson, 1965.
- FERENCZI, Sándor. *O conhecimento do inconsciente*. Obras Completas, Volume I. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. *Influência de Freud sobre a medicina*. Obras Completas, Volume IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.
- FONTES, Ivanise. As novas doenças da alma. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, V. 4, 161-163, 2002.
- _____. *et al. Virando gente: a história do nascimento psíquico*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.
- FREUD, Sigmund. *Tratamento psíquico (tratamento anímico)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- _____. *Afásias*. Rio de Janeiro, Zahar, 2014.
- _____. *O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos [1923-1925]*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.
- _____. *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. *Projeto para uma psicologia científica*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. *Histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, II. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *A etiologia da histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. III. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976.

_____. *Interpretação de sonhos (partes I e II)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. *O interesse científico da psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Volume XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

_____. *O Ego e o Id*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XIX. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976b.

_____. *Uma nota sobre o 'bloco mágico'*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, XIX. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976b.

_____. *Um estudo autobiográfico*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, XX. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976c.

_____. *A questão da análise leiga*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, XX. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976c.

_____. *Dostoiévski e o parricídio*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, XXI. Imago, Rio de Janeiro, 1974.

_____. *Análise terminável e interminável*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

GAMWELL, Lynn & SOLMS, Mark. *Da neurologia à psicanálise: desenhos neurológicos e diagramas da mente por Sigmund Freud*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. As afasias de 1891. In: FREUD, Sigmund. *Afasias*. Rio de Janeiro, Zahar, 2014, p. 125-171.

GUENTHER, Katja. The disappearing lesion: Sigmund Freud, sensory-motor physiology and the beginnings of psychoanalysis. *Modern Intellectual History*, 10, 3, p. 569-601, 2013.

HAAG, Geneviève. *De la naissance physique à la naissance psychologique*. In *L'aventure de naître*. Verfeil sur Seye: Le Léopard, 1989.

HELIODORO TAVARES, Pedro. *Nomes de Fausto: Traços de Sinthome na Forja do Pactário*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina / PPG Literatura e Université Paris 7 – Denis Diderot / École Doctorale Recherches En Psychanalyse, 2007.

HOFFMANN, Christian & BIRMAN, Joel (Orgs.). *Psicanálise e política: uma nova leitura do populismo*. São Paulo: Instituto Langage / Université Paris Diderot, 2018.

KANT, Immanuel. *Lógica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

KRISTEVA, Julia. *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LAKOFF, Andrew. Adaptive will: the evolution of attention deficit disorder. *Journal*

of the History of the Behavioral Sciences, 2(36): 149-169, 2000.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LESTIENNE, Séverine; LOTSTRA, Françoise. Neuroplasticité et inconsciente, sujets d'articulation entre psychanalyse et neurosciences. *Cahiers critiques de thérapie familiale et de pratiques de réseaux*. N° 43, p. 35-45, 2009.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: o processo de produção do capital*, L.I, v. 1, São Paulo: Difel, 1982.

McGOWAN, Kat. *The second coming of Sigmund Freud*. *Discover Magazine*, abril 2014. <https://floridapsychoanalytic.org/2014/03/the-second-coming-of-sigmund-freud/>

OWEN, M. M. *Freud in the scanner: a revival of interest in the power of introspection and thought has brought Freud's ideas back into the scientific fold*. *Aeon Essays*, 2018. <https://aeon.co/essays/can-neuroscience-rehabilitate-freud-for-the-age-of-the-brain>

PELLÉ, Arlette. *Le Cerveau et l'Inconscient: Neurosciences et Psychanalyse*. Paris: Armando Colin, 2015.

RAMACHANDRAN, V. S. *O que o cérebro tem para contar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

REICH, Wilhelm. *Materialismo dialéctico e psicanálise*. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SCORZA, Fulvio A. e CAVALHEIRO, Esper A. Psicanálise e seu papel na plasticidade cerebral: muito mais que um simples blá, blá, blá. *Rev Psiq Clin*, 40 (3):122-123, 2013.

RIBEIRO, Sidarta. Sonho, memória e o reencontro de Freud com o cérebro. *Braz. J. Psychiatry* 25 (suppl 2), 2003. [<https://doi.org/10.1590/S1516-44462003000600013>]

STRACHEY, James. *Prefácio geral do editor inglês*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XX. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1980.

ZIZEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.